

JOHN DEWEY E HENRI MATISSE: entre teoria estética e prática artística

John Dewey and Henri Matisse: between
aesthetic theory and artistic practice

JOHN DEWEY Y HENRI MATISSE: entre la
teoría estética y la práctica artística

Laura Elizia Haubert¹

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade Nacional de Córdoba, Argentina (Bolsista CONICET – Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas); Graduada e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Bolsista CNPq durante o mestrado). Especialista em Arte e Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0255851984072020>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7323-441X>. E-mail: eliziahaubert@gmail.com

RESUMO

A teoria estética desenvolvida por John Dewey e apresentada em seu livro de 1934, "Arte como experiência", possui considerável influxo da arte e dos artistas modernos. Esta influência, no entanto, até o momento recebeu pouca atenção de parte dos comentadores. O intuito deste artigo é justamente lançar luz sobre estas relações, por meio de uma apresentação do vínculo entre o filósofo e o pintor francês Henri Matisse. A hipótese defendida é que estes encontros entre o artista e o pensador impactaram a filosofia da arte de Dewey. O argumento desenvolvido foi dividido em quatro partes. No primeiro, abordou-se o contexto no qual se deu as reuniões, a saber, a Fundação Barnes. Em seguida, revisou-se os dados históricos de cartas destes encontros. Em um terceiro momento, buscou-se entender qual foi o impacto teórico desta troca para a estética de Dewey. Por fim, apresentou-se breves considerações finais.

PALAVRAS-CHAVE

Dewey; Matisse; Arte moderna; Estética pragmatista; Expressão artística.

ABSTRACT

The aesthetic theory developed by John Dewey and presented in his 1934 book, "Art as Experience", is considerably influenced by modern art and artists. This influence, however, has so far received little attention from interpreters. The aim of this article is precisely to shed light on these relationships by presenting the relationship between the philosopher and the French painter Henri Matisse. The hypothesis is that these encounters between artist and thinker had an impact on Dewey's philosophy of art. The argument is divided into four parts. In the first, the context in which the meetings took place was discussed, namely the Barnes Foundation. This was followed by a review of the historical letters from these meetings. Thirdly, we sought to understand the theoretical impact of this exchange on Dewey's aesthetics. Finally, brief concluding remarks were presented.

KEY-WORDS

Dewey; Matisse; Modern art; Pragmatist a Asthetic; Artistic expression.

RESUMEN

La teoría estética desarrollada por John Dewey y presentada en su libro de 1934, "Art as Experience", tiene una influencia considerable del arte y los artistas modernos. Sin embargo, hasta ahora esta influencia ha recibido poca atención por parte de los comentaristas. El propósito de este artículo es precisamente arrojar luz sobre estas relaciones, a través de una presentación del vínculo entre el filósofo y el pintor francés Henri Matisse. La hipótesis defendida es que estos encuentros entre el artista y el pensador impactaron la filosofía del arte de Dewey. El argumento desarrollado se dividió en cuatro partes. El primero abordó el contexto en el que se desarrollaron las reuniones, concretamente la Fundación Barnes. A continuación, se revisaron los datos históricos de cartas de estos encuentros. En un tercer momento, buscamos comprender el impacto teórico de este intercambio en la estética de Dewey. Finalmente, se presentaron breves consideraciones finales.

PALABRAS-CLAVE

Dewey; Matisse; Arte Moderno; Estética pragmática; Expresión artística.

Introdução

“(…) Ele é um homem maravilhoso em todos os sentidos (…) Ele falou muito sobre suas ideias de pintura e eu aprendi muito, além de gostar dele pessoalmente.” - John Dewey sobre Henri Matisse

A teoria estética de John Dewey tem sido objeto de numerosas análises, pelo menos desde a década de 1990, quando o pragmatismo voltou ao centro das atenções no cenário acadêmico². Desde então, pesquisas em distintos idiomas esquadriharam seus conceitos³, reconstruíram o panorama histórico contextual no qual surgiram suas ideias⁴ e buscaram compreender o peculiar fenômeno de recepção de sua filosofia da arte por parte dos artistas de vanguarda estadunidenses⁵.

Em especial, a partir dos eixos de reconstrução histórica e rastreamento de influências, ao menos desde a década de 1970, investigações têm descrito os vínculos entre a Fundação Barnes, criada pelo crítico e colecionador Dr. Albert C. Barnes e a filosofia da arte de Dewey⁶. Parcela considerável destas análises, concentraram-se em examinar as conexões da amizade para determinar, por um lado, como Dewey influenciou as práticas educacionais da instituição e, por outro, como Barnes e a experiência da Fundação teriam moldado a teoria estética do pensador.

Pode-se dizer que a Fundação Barnes é, justamente, o cenário de fundo mais amplo no qual a presente investigação se desenvolve, porque é por meio dela que Dewey entrou em contato com o pintor francês Henri Matisse. De acordo com Ueno (2016), é via intermediação de Barnes, que o artista e o filósofo se encontraram em, pelo menos, três ocasiões durante o transcorrer de 1930. Estas reuniões, que sucederam na cidade de Nova York, marcaram intelectualmente o pensador, tendo um impacto direto em sua estética.

É justamente este impacto de Matisse em Dewey que se almeja abordar na presente investigação. O intuito é preencher a lacuna existente na literatura secundária que, até o momento, esforçou-se por rastrear os interlocutores do filósofo, limitando-os ora ao âmbito acadêmico ora às relações pessoais em espaços como a Fundação Barnes. Assim, faz-se necessário reconhecer que existe uma terceira via de inspiração pouco examinada, fala-se dos artistas⁷ e de suas concepções acerca da arte e da experiência estética.

2 Embora, como escreveu Talisse (2007), o pragmatismo nunca tenha sido completamente eclipsado pela filosofia analítica como dizem alguns relatos canônicos, é verdade que ele permaneceu por algumas décadas como uma linha menor dentro dos departamentos de filosofia. A situação seria modificada por volta do final da década de 70, quando Rorty (1979[1995]) publicou seu livro “A filosofia e o espelho da natureza”. Infelizmente, a estética pragmatista, em específico, teve que esperar até o final da década de 90, quando trabalhos como o de Alexander (1987) e Shusterman (1998) reviveriam a teoria estética de John Dewey e, com isso, o interesse pela estética desde uma perspectiva pragmatista.

3 A esse respeito, recomenda-se consultar os trabalhos de Alexander (1987), Stroud (2011), Russo (2017) e Arenas et al. (2018).

4 Ver Alexander (1987), Martin (2002) e Campeotto (2021).

5 Consultar Gomes (2018), Campeotto (2019) e Granger (2023).

6 Sobre os vínculos entre Dewey e a Fundação Barnes, recomenda-se os trabalhos de Hein (2012 e 2017), Robins (2015), Ueno (2016), Campeotto e Viale (2018) e Nakamura (2019).

7 O presente estudo detém-se, particularmente, nos vínculos entre Dewey e Matisse por uma questão de tempo. Porém, destaca-se que uma pesquisa mais ampla se faz necessária para reconhecer os demais vínculos com outros

Para defender a hipótese proposta, a pesquisa foi dividida em quatro momentos. No primeiro deles, aborda-se a Fundação Barnes, que atua como contexto para o encontro do filósofo e do artista. Em seguida, revisa-se os dados históricos que se dispõe sobre as reuniões de 1930. Já no terceiro momento, procurou-se entender como tais encontros impactaram a teoria estética de Dewey. Por fim, são apresentadas algumas breves considerações a respeito do que foi exposto.

O Contexto: a Fundação Barnes

Embora atualmente seja mais conhecida entre o público por albergar a maior coleção de arte moderna dos Estados Unidos, originalmente a Fundação Barnes, criada em 1922 pelo crítico e colecionador Dr. Albert C. Barnes, tinha o propósito, segundo Mullen (1925, p. 3), de fornecer “educação no sentido mais amplo da palavra, embora se concentre principalmente no avanço e na compreensão e apreciação das belas-artes”.

Para atingir seu objetivo, a fundação, segundo Nakamura (2019), atuava em duas frentes. A primeira delas era composta de um programa de formação, com aulas semanais que se, por um lado, eram de acesso restrito aos poucos estudantes selecionados por Barnes, por outro lado, eram completamente gratuitas. Esses seminários, palestras e cursos visavam ensinar estética e crítica para um público não familiarizado com o mundo das artes, dando-se prioridade a pessoas das classes trabalhadoras⁸. Já a segunda frente estava composta pela produção teórica gerada pela instituição que se publicava em periódicos⁹ e livros, produção esta que teve início na década de 1920 e segue até os dias atuais.

A ambição original da Fundação era, como evidenciaram Robins (2015) e Campeotto (2021), transformar o cenário da educação estética estadunidense da primeira metade do século XX. Na concepção de Barnes (1925), havia poucos espaços de acesso democrático no qual o público, especialmente de classe trabalhadora, pudesse desfrutar de uma experiência estética. Quando esses lugares existiam, estavam permeados por um discurso elitista que adornava os objetos de arte de uma

pintores e poetas que aparecem repetidamente nas páginas de seu livro de teoria estética de 1934. Essa é uma linha de investigação ainda em aberto.

8 Vale a pena destacar aqui as palavras de Wexler (2013, p. 19) de que: “A Fundação foi criada para desafiar os papéis sociais e culturais desempenhados pelos museus e universidades americanos, instituições que restringiam os meios de apreciação da arte à elite e tornavam a compreensão das belas artes um veículo de privilégio. A Fundação Barnes pretendia ser um novo modelo de práticas culturais e institucionais igualitárias, simbolizadas e inspiradas pela inovação modernista nas artes plásticas”.

9 Segundo Aichele (2016) a Fundação teve dois periódicos que refletiam distintos momentos da instituição. No primeiro deles, publicou-se entre abril de 1925 e 1926 o *Journal of the Barnes Foundation*, que teve cinco edições com artigos de Albert C. Barnes, John Dewey, Thomas Munro, Laurence Buermeyer, Mary Mullen, Edgar A. Singer Jr. E Paul Guillaume. Mais tarde, durante os anos de 1970 a 1978, outro periódico seria publicado sob a organização de Violette De Mazia, que era então diretora da Fundação. Esta segunda publicação intitulada *Journal of the Art Department* teve dezoito edições, com autores variados, embora fosse constante os artigos assinados por De Mazia, Patricia Neubauer, Ellen Homsey e Gilbert M. Cantor. Todos esses periódicos se encontram disponíveis para acesso online.

aura esotérica que terminava por afastar a população¹⁰. Deste modo, a intenção de Barnes era oferecer uma educação estética democrática embasada em três elementos: a psicologia, a arte moderna, e a filosofia da educação de John Dewey. Destaca-se, abaixo, dois desses elementos.

O primeiro deles é a arte moderna. Segundo Anderson (2013, p. 17), a Fundação Barnes possui uma das coleções de arte moderna, especialmente francesa, de maior excelência, “contando com 69 Cézannes (mais do que todos os museus de Paris), 60 Matises, 44 Picassos, 18 Rousseaus, 14 Modiglianis, e não menos de 180 Renoir”.

Para além do extenso catálogo de pinturas, a instituição possui ainda uma série de publicações de caráter crítico-estético sobre arte moderna. De acordo com Greenfeld (1987), durante a década de 1930, Barnes e sua assistente, Violette De Mazia, realizaram diversas viagens à Europa com o intuito de aprimorar sua pesquisa sobre esse campo, o resultado foram as seguintes obras, em 1931 *“The French Primitives and Their Forms: From Their Origin to the End of the Fifteenth Century”*, seguido por *“The Art of Henri Matisse”* de 1933, *“The Art of Renoir”* de 1935 e *“The Art of Cézanne”* de 1939.

Já o segundo elemento de destaque é a inegável influência da filosofia pragmatista de John Dewey. Este eixo vem sendo abordado por comentadores do pensador desde a década de 1970¹¹, quando surgiram os primeiros levantamentos sobre os vínculos entre Dewey e Barnes, e da influência do educador na Fundação. Para Nakamura (2019), são numerosos os documentos que atestam o envolvimento do filósofo, sendo o mais evidente a sua atuação como diretor educativo honorário, no qual Dewey escreveu discursos e ensaios para a Fundação durante a década de 1920, produção esta que foi menos explorada pela literatura secundária do autor¹².

Infelizmente, as esperanças de Dewey e Barnes não se concretizaram, e como

10 O projeto da Fundação tinha por base a concepção de Barnes (1929, p. v-vi) de que: “A arte não é uma questão trivial, não é um artefato para o entretenimento de diletantes, nem uma tapeçaria para as casas dos ricos, mas, sim, uma fonte de conhecimento [insight] do mundo, para a qual não há e não pode haver substituto, [fonte essa] que todas as pessoas que têm o conhecimento necessário [insight] teriam que compartilhar”.

11 Os vínculos pessoais e filosóficos de Dewey com a Fundação Barnes foram explorados em detalhe nos seguintes estudos que se recomenda consultar: Dennis (1972), Hein (2011), Robins (2015), Ueno (2016), Campeotto e Viale (2017), Nakamura (2019) e Granger (2023).

12 Existem dois textos de Dewey da década de 1920 onde esse vínculo com a Fundação Barnes se faz notável. O primeiro deles intitulado “Arte na Educação – Educação na Arte”, uma resenha que Dewey escreveu do livro “A Arte na Pintura”, que havia sido publicado em 1925, por Barnes, e no qual este apresentava seu método de crítica e apreciação estética. O segundo é “Dedication Address of the Barnes Foundation” de 1925, um discurso inaugural da Fundação, no qual Dewey (1925 /1984, p. 385) afirmava sua crença no projeto, destacam-se aqui suas palavras: “(...) A arte não é algo à parte, não é algo para poucos, mas algo que deve dar o toque final de significado, de consumação, a todas as atividades da vida. Portanto, tenho certeza de que esse trabalho não se espalhará apenas nas universidades e escolas, como ouvimos hoje, mas que também afetará as escolas públicas. Concorde-se que um dos pontos mais fracos de nosso sistema educacional de escolas públicas é que, embora ele ofereça algum treinamento em coisas mecânicas e técnicas, embora transmita uma certa quantidade de informações e ideias úteis, ainda assim ele é, em grande parte, público apenas no nome. (...) Embora seja sempre perigoso tentar desempenhar o papel de profeta, tenho certeza de que podemos abrir os olhos e olhar para os próximos anos e ver irradiar desta instituição, do trabalho desta Fundação, influências que afetarão a educação no sentido mais amplo da palavra: o desenvolvimento dos pensamentos e das emoções de meninos e meninas, jovens, homens e mulheres em todo o país, em uma extensão, alcance e profundidade que fazem disso, na minha opinião, um dos atos educacionais mais importantes, um dos feitos educacionais mais profundos da época em que vivemos”.

argumentou Campeotto (2021), a Fundação Barnes fracassou em relação ao seu objetivo de transformar o cenário educativo das artes estadunidenses. Isso não significa, no entanto, que ela não tenha sido um projeto relevante que, com o passar dos anos, ofereceu educação e aproximou o público das artes plásticas, além, claro, de ter sido justamente o pano de fundo no qual o filósofo John Dewey e o pintor Henri Matisse puderam se encontrar, encontro esse que é tratado na continuação deste estudo, por meio de dados históricos.

Os Encontros entre Matisse e Dewey

Em setembro de 1930, como conta Russell (2001), Matisse havia sido convidado pela primeira vez para ser jurado do *Carnegie International Exposition* realizado na cidade de Pittsburgh. Estabelecida em 1896, a Carnegie era a exposição de arte internacional mais antiga dos Estados Unidos, desfrutando de considerável prestígio e organizada em intervalos regulares de três ou quatro anos pelo *Carnegie Museum of Art*. Matisse, que passava por um momento delicado em sua vida, após a morte de sua modelo Henriette Darricarrère, aceita prontamente o convite para atravessar o Atlântico e mudar de ares. Seu plano era ir primeiro à cidade de Nova York, e, de lá, cruzar o território estadunidense com destino ao Taiti.

Após cumprir com seus deveres no *Carnegie*, narra Greenfeld (1987), Matisse junto com outros colegas jurados participaram de uma breve viagem que havia sido planejada pela organização do evento. O *tour* visitaria distintas cidades, entre elas, contava com um dia em Washington D. C. e em um outro dia na Filadélfia. Neste dia da Filadélfia, Matisse havia sido convidado por Barnes a visitar sua coleção. O convite era irrecusável, já que Barnes era um dos mais importantes colecionadores de arte moderna e vinha adquirindo obras do pintor desde 1912.

Conforme descreveu Dalton (2002), Barnes aproveitou a ocasião para propor ao artista uma comissão especial de um mural que adornasse um dos arcos de porta de sua galeria. Matisse prontamente aceitou o encargo que, infelizmente, se provou ser uma das tarefas mais frustrantes, pois as desavenças entre o colecionador e o pintor logo surgiram e o trabalho se arrastou durante anos, até ser concluído em 1933, com desgostos para ambos os lados¹³.

13 Inicialmente, em seu primeiro contato com a Fundação, Matisse mostrou-se impressionado com o projeto, o método de Barnes e a coleção como um todo. Vale a pena citar aqui as palavras do próprio pintor sobre esta experiência: "(...) Uma das coisas mais impressionantes nos Estados Unidos é a Coleção Barnes, que é exibida em um espírito muito benéfico para a formação de artistas americanos. Lá, as pinturas dos antigos mestres são colocadas ao lado das modernas, um Douanier Rousseau ao lado de um Primitivo, e essa união ajuda os alunos a entender muitas coisas que as academias não ensinam (...) Essa coleção apresenta as pinturas com total franqueza, o que não é frequente nos Estados Unidos. A Fundação Barnes sem dúvida conseguirá destruir a apresentação artificial e desonesta das outras coleções, onde os quadros são difíceis de ver - exibidos hipocritamente sob a luz misteriosa de um templo ou catedral. (...)" (Matisse apud Flam, 1973, p. 63). Infelizmente, a vivência de trabalhar para Barnes na Fundação se revelaria muito mais desafiadora do que havia imaginado. Segundo Dalton (2002) e Floren (2018), esse foi um dos períodos mais difíceis e frustrantes para o pintor, que tinha seu trabalho constantemente interrompido por Barnes, que na época estava escrevendo um livro a respeito de Matisse e



Fig. 1. Matisse trabalhando no mural da Fundação Barnes, em 1931. Fotografia não identificado. Arquivos da Fundação Barnes.

Apesar dos problemas no decorrer da criação do mural que viria a ser “The Dance”, fato é que devido ao encargo, Matisse tinha razão para retornar mais vezes aos Estados Unidos, e especialmente a Merion. Foi justamente via Barnes, segundo Hein (2012), que o artista e o filósofo se encontraram pela primeira vez. Dewey era o encarregado de receber Matisse no cais de Nova York, em dezembro de 1930, quando o artista retornava de uma breve viagem à França, levando-o até Merion. Nesse primeiro encontro, Barnes monopolizou quase completamente o artista, ansioso por discutir detalhes de seu mural.

Curiosamente, este breve momento não seria o único encontro entre os dois homens. De acordo com Dalton (2002), antes de retornar a França, Matisse solicitou que Dewey posasse para ele, convite que foi aceito pelo filósofo. Sabe-se pelos registros epistolares que Dewey e Matisse se encontraram em várias ocasiões distintas entre dezembro de 1930 e janeiro de 1931. Estas reuniões tiveram lugar tanto na cidade de Nova York, quanto na cidade de Paris, embora não se tenha maiores informações a respeito. Sabe-se, apenas, que eles se reuniram em pelo menos três ocasiões na recepção do Hotel Plaza, de Nova York.

Pois bem, o resultado destas reuniões foi duplo. Do lado do pensador, como será abordado na seção seguinte, é notável a influência teórica recebida, sobretudo em suas opiniões a respeito da pintura. Já, do lado de Matisse, o resultado prático foram

desejava reunir dados em primeira mão. Além disso, o mural precisou ser refeito várias vezes, havendo várias dificuldades técnicas do lugar escolhido por Barnes para ser posta a obra. Ao final, Matisse havia trabalhado por três anos, produzindo três versões, testando diferentes técnicas, e superando desafios, como quando descobriu ao final de seu primeiro rascunho que havia tomado as medidas do espaço equivocadas, o que irritou a Barnes que ameaçou cancelar a encomenda. Ao final, as desavenças foram superadas, mas a experiência foi exaustiva para ambos os lados.

litografias que, infelizmente, permaneceram para sempre incompletas. Apresenta-se aqui as três versões conhecidas que estão em museus estadunidenses atualmente.

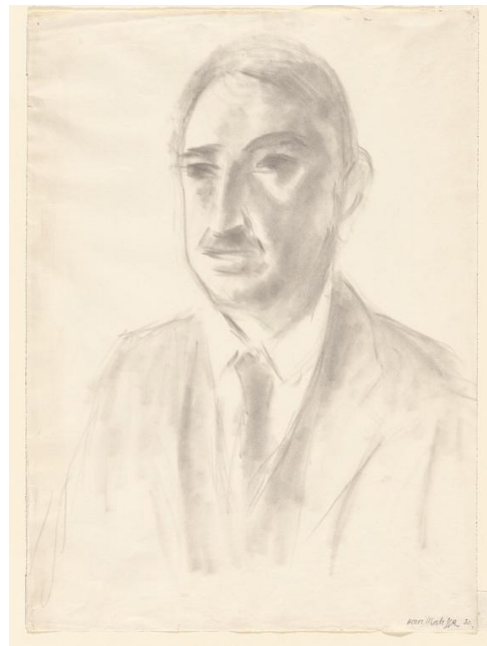


Fig. 2 e 3. Henri Matisse. "Portrait of John Dewey".1930. Carvão sobre papel. 63.4 x 48.2cm. Art Institute of Chicago, Chicago. "John Dewey" (1930). Carvão sobre papel. 61.9 x 48.4 cm. MoMA, Nova York.

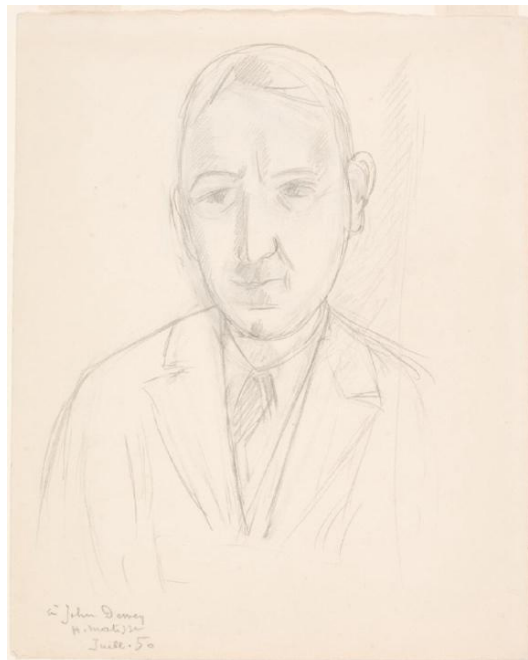


Fig. 4. Henri Matisse. "John Dewey" (c. 1931?). Grafite em papel. 31.4 x 25.4 cm. Philadelphia Museum of Art, Philadelphia.

Em sua correspondência privada do ano de 1931, Dewey mencionou os encontros com Matisse em um par de ocasiões. Nestas, pode-se perceber como o pensador foi

influenciado, apreciando tanto a troca intelectual, quanto a presença e o bom humor do pintor. Vale a pena destacar aqui, em primeira mão, trechos dessas cartas.

Na primeira delas, enviada a sua amiga Corinne ChisholmFrost, em primeiro de janeiro de 1931, Dewey relata rapidamente, em um parágrafo, seus encontros com Matisse em um tom alegre, destacando o quanto haviam sido proveitosos e educativos, sem fornecer maiores detalhes.

Tive o prazer de ter um contato considerável com o pintor francês Henri Matisse, primeiro em Paris e depois, nos últimos dez dias, em Nova York. Ele é uma combinação de simplicidade, humor, franqueza, equilíbrio e percepção que é muito rara - o ser humano mais completamente coordenado que já conheci, eu acho. (Dewey, *Corresp.* II, 1931.01.01, (09281)).

Já no dia seguinte, o pensador voltou a comentar sobre estas reuniões com Matisse em outra correspondência, desta vez para Barnes. Nesta, ele comentou sobre o trabalho que Matisse realizava. Até onde se sabe, é a primeira vez, em sua correspondência, que escreve sobre as litografias, como se pode ler na tradução abaixo.

Fiquei muito triste ao saber pelo Matisse que você está de cama e teve que adiar sua viagem para o oeste. Espero que seu problema acabe logo. Fui embora ontem à noite, depois que Evelyn e Jane fizeram uma festa de *eggnog* no dia de Ano Novo, receita de Alston vinda diretamente do Mississippi - eu me abstive, porém, por causa do meu resfriado. Alguém me enviou a foto do salgueiro-chorão que apareceu no jornal de Phila. De qualquer forma, consegui atravessar a cidade em segurança ontem à noite graças ao meu disfarce. Matisse está fazendo uma litografia - talvez ele tenha lhe contado. Foi uma ótima experiência com ele. Ele está lá em todo o caminho de ida e volta. Felicidades e fique bem (Dewey, *Corresp.* II, 1931.01.02 (04281)).

Numa terceira correspondência redigida no mesmo dia, em 02 de janeiro de 1931, e endereçada à ativista social Florence Richardson Wyckoff, Dewey forneceu um pouco mais de detalhes a respeito, como se pode ver no fragmento destacado a seguir.

Matisse esteve em Nova York - acho que voltará hoje à noite - Ele veio para uma exposição (de esculturas) que fará em janeiro e para ver sobre uma pintura - grande - que fará para as paredes de uma sala na Galeria Barnes. Eu o vi bastante, pois ele me usou como modelo para uma litografia que vai fazer. Ele veio meia dúzia de vezes e trabalhou por uma hora ou mais a cada vez, fazendo um esboço totalmente novo a cada vez. Ele é um homem maravilhoso em todos os sentidos - as meninas ficaram loucas por ele - elas dizem que ele é muito "fofo" - Ele falou muito sobre suas ideias de pintura e eu aprendi muito, além de gostar dele pessoalmente - (Dewey, *Corresp.* II, 1931.01.02 (18932)).

Esta última carta põe em evidência a troca intelectual que existiu entre os dois

homens. Está claro que Dewey considerou proveitoso escutar as perspectivas de Matisse sobre arte e, mais especificamente, sobre pintura. Esse é o tema que será abordado na seção seguinte, já que, como se verá, Matisse é uma presença constante no livro de estética que Dewey publicou poucos anos depois destas reuniões, em 1934.

Por fim, para fechar esta seção de cunho historiográfico, vale a pena citar ainda uma última carta deste mesmo ano de 1931. Desta vez, a correspondência é em primeira mão, entre o artista e o pensador. Nela, pode-se ver como Matisse apreciou a experiência dos encontros, mostrando-se profundamente grato a Dewey e sua família. Traduziu-se abaixo na íntegra esta carta.

Prezado Sr. DEWEY,

A travessia perfeitamente calma me permitiu pensar em minha estada em Nova York e nos momentos agradáveis que passei em sua companhia.

Lamento que minha indisposição, que afinal não era muito grave, segundo o especialista, tenha me impedido de concluir o estudo que venho fazendo desde sua viagem a Paris. Desejo sinceramente que, com sua preciosa ajuda, da qual aprecio plenamente o valor, e com a ajuda das circunstâncias, seja possível concluir esse estudo.

Embora não tenha um cartão anexado, gostaria de lhe enviar esta magnífica cesta de flores que encontrei na cabine do meu barco. Por favor, aceite meus agradecimentos por todas essas coisas maravilhosas.

Não consigo esquecer o prazer que tive ao me encontrar na companhia de todo o seu povo e como me senti em perfeita harmonia com todos.

Espero que seu resfriado não o tenha deixado exausto e irritado durante sua grande viagem.

Talvez tenha conseguido dar uma olhada na minha coleção de esculturas que está em exposição na *Brummer's* neste momento. Se sim, desejo muito que tenha encontrado algum interesse nela.

Por favor, transmita meus melhores cumprimentos à sua família.

Atenciosamente, Henri Matisse (Dewey, *Corresp.* II, 1931.01.16 (06515)).

Embora não sejam numerosas, as cartas aqui mencionadas e traduzidas são evidência suficiente para sinalizar como a relação entre Dewey e Matisse resultou ser uma experiência relevante na vida do filósofo, especialmente para o desenvolvimento e aprimoramento de sua teoria estética. Portanto, faz-se necessário agora, voltar a atenção para esse aspecto mais teórico que parece ser consequência direta destes encontros.

O Impacto de Matisse na Teoria Estética de Dewey

Como foi dito anteriormente, até o momento, a literatura secundária especializada na estética Dewey ocupou-se, em grande medida, em rastrear as influências recebidas pelo pensador advindas de outros filósofos ou, quando muito, de figuras externas,

como no caso citado de Barnes e os demais envolvidos no projeto de sua fundação. Porém, quase nada foi escrito a respeito da influência recebida pelo pensador de artistas, sobretudo, de escritores e pintores.

Esse silêncio, contudo, não deve ser interpretado como falta de importância ou inexistência de tais vínculos. De fato, basta revisitar o ensaio de Dewey publicado em 1948, no qual ele responde às críticas feitas a sua teoria estética por Benedetto Croce, para ver que essa relação, com os artistas e suas perspectivas sobre arte foi justamente uma de suas fontes primárias. Destacou-se, no trecho abaixo, as palavras do filósofo.

Para o bem ou para o mal, como já disse, aprendi pouco com o que foi escrito em nome da Filosofia da Arte e da Estética, uma vez que me parecia subordinar a arte à filosofia, em vez de usar a filosofia como um auxílio incidental na apreciação da arte em sua própria linguagem. Aprendi muito, no entanto, com os escritos de ensaístas e críticos literários, especialmente com escritores ingleses cujas obras fazem parte da grande tradição da literatura inglesa, e com o que poetas, pintores, etc., disseram sobre as artes que praticaram – uma fonte, em minha opinião, que é indevidamente ignorada por aqueles que filosofam sobre arte. Não acho que exagero ao dizer que devo mais aos livros sobre artes plásticas escritos pelo homem a quem meu livro é dedicado, Albert C. Barnes, do que a todos os tratados oficiais sobre arte escritos por filósofos (Dewey, 1948, p. 208).

Uma leitura de sobrevoo por “Arte como experiência” de Dewey é suficiente para tornar óbvio, a qualquer leitor, que muitos dos interlocutores do pensador são justamente artistas e escritores. Conforme observou Leddy (2016), a obra está permeada por diversos poetas como Coleridge, Keats, Poe e Wordsworth, bem como por artistas visuais como Cézanne, Constable, Delacroix, Manet, Matisse e Van Gogh.

Entre todos os artistas mencionados, destaca-se particularmente Matisse, para quem, segundo Dalton (2002, p. 159), “a influência é evidente em toda ‘Arte como experiência’”. A intuição do comentador parece correta, já que dos catorze capítulos que constituem a obra, Matisse aparece nominalmente citado em pelo menos seis deles – os capítulos 5, 6, 7, 8, 12 e 13. Além disso, entre as oito obras escolhidas para ilustrar o livro, a última é justamente a obra “A alegria de viver” de Matisse.



Fig. 5. Henri Matisse. "A alegria de viver", (1906). Óleo sobre tela. 176 x 240 cm. Fundação Barnes, Estados Unidos.

Agora, essa influência de Matisse parece ter se dado em duas vias. A primeira e mais óbvia, já abordada na seção anterior, são os encontros entre o pensador e o pintor. Tais reuniões forneceram uma fonte de aprendizado e contemplação, onde Dewey pôde acompanhar em primeira mão o processo criativo do pintor. Ele relatou isso em uma carta a Barnes em 26 de dezembro de 1930, onde se pode ler: "(...) foi interessante ver o crescimento dos três esboços (...) e ver as mãos de Matisse movendo-se no ritmo de suas formas" (Dewey, Corresp. II, 1930.12.26, N. 04278).

Uma segunda via, e que até o momento não foi explorada, é justamente a teórica das publicações do pintor. Apesar de ter conversado com Matisse, e este ter lhe exposto suas ideias sobre arte, Dewey (2010), em seu livro, também usou como fonte os textos do artista, chegando a citar, no capítulo 7, um parágrafo inteiro retirado do ensaio de Matisse "Notes d'unpeintre" que havia sido originalmente publicado em 1908, na *La Gran Revue*, no qual o pintor respondia a alguns de seus críticos.

De acordo com as interpretações de Dalton (2002), Floren (2016) e Campeotto (2021), as reuniões com Matisse atuaram como fonte de inspiração e instrução para Dewey, modificando sua teoria estética em dois pontos. O primeiro deles diz respeito a suas convicções sobre a expressão artística; e o segundo, sobre a forma nas obras de artes visuais.

Para Dalton (2002, p. 159), a experiência de Dewey de ver Matisse trabalhando tão próximo, de poder observar seus desenhos, além do modo como suas mãos se moviam, ou como o pintor refletia enquanto concebia a obra, foram uma janela para Dewey entender de que maneira "(...) a mente e a natureza se integravam na

experiência (...)” do artista.

Isto é, foi via o contato direto com Matisse trabalhando, que Dewey apreende, em primeira mão, como o processo de inspiração se combina ao da autorreflexão com o intuito de criar a expressividade dos objetos artísticos. Nas palavras de Dalton (2002, p. 159), “Matisse ajudou Dewey a penetrar nos artifícios individuais do estilo para ver os ritmos e formas subjacentes que eles incorporavam”.

Em termos teóricos abstratos, isto parece ter sido traduzido pelo modo como Dewey (2010, p. 210) apresenta sua teoria do objeto expressivo, afirmando que tal expressividade da arte “(...) deve-se ao fato de ele apresentar uma interpenetração minuciosa e completa dos materiais do ficar sujeito a algo e do agir, incluindo-se neste último a reorganização do material trazido conosco de experiências passadas”. Pouco depois, ele encerra afirmando que tal expressividade é, na verdade, a “(...) fusão completa entre aquilo por que passamos e o que nossa atividade de percepção atenta introduz no que recebemos através dos sentidos”.

O segundo eixo teórico de Dewey, no qual a influência de Matisse se faz presente, de acordo com Floren (2016), é justamente o conceito de forma. Essa influência parece envolver não só os encontros com Matisse, porém, como foi dito anteriormente, também dos seus escritos, já que é no sétimo capítulo “A história natural da forma” onde o pensador cita um longo trecho retirado do artigo de Matisse, no qual o pintor descreveu seu processo criativo.

Depois de citar Matisse, Dewey (2010, p. 263) escreve que o processo pelo qual passava o pintor ao criar uma obra e o processo de decorar um espaço não eram assim tão diferentes, em ambos, era necessário ser capaz de partir de um ato desconexo, uma visão simples, e deixar a experiência crescer, permitindo que as cores, linhas e planos se harmonizassem. Em suma, era preciso entender que a forma era “(...) uma sensação de união qualitativa”.

Ora, na interpretação de Floren (2016), não é estranho que Dewey faça justamente essa comparação no parágrafo seguinte entre a pintura e a decoração, porque essa era uma das coisas que ele teria aprendido com o pintor, o entrelaçamento vital entre a arte e a decoração, mas também entre expressividade, forma e vida.

Além disso, Dewey teria aprendido tanto via os escritos de Matisse quanto em seus encontros, de que a forma estética só pode ser compreendida enquanto força, “(...) como se a percepção estética consistisse em dar forma às energias, às emoções, incorporá-las nas formas” (Floren, 2016, p. 492). A forma é assim, para Dewey, uma noção que tem pouco a ver especificamente com os contornos de uma obra, trata-se, antes, de um conceito mais amplo de unidade qualitativa.

É interessante notar que a teoria estética de Dewey passou por um período de maturação, justamente quando o filósofo estava envolvido na Fundação Barnes e se encontrou com Matisse. Em certo sentido, é ao menos necessário considerar, como ponderou Innis (2019), até que ponto estes artistas não exemplificam o significado de sua teoria, desempenhando um papel central para compreender sua estética. Um estudo mais amplo a respeito destes vínculos, infelizmente, ainda está por ser escrito.

Considerações Finais

O intuito deste artigo era o de tornar evidentes os vínculos entre o pintor Henri Matisse e o filósofo John Dewey. Para isso, dedicou-se em um primeiro momento a contextualizar a relação, mostrar as evidências históricas destes encontros e, por fim, pontuar eixos de como este contato impactou a teoria estética do pensador.

Seja pelas cartas, pelas referências nominais ou, até mesmo, pelas citações diretas ao longo do texto, não restam dúvidas de que Matisse é uma presença intelectual constante na teoria de Dewey. O contato com o artista parece ter impactado o modo como Dewey concebeu a expressão e a forma artística, além de exemplificar sua concepção de uma arte mais próxima do decorativo e da vida. Mais estudos a respeito, no entanto, ainda são necessários para seguir rastreando outros possíveis impactos do pintor no filósofo.

Por fim, é importante destacar que longe de encerrar o assunto, esta pesquisa é, antes de tudo, não só uma tentativa de expandir o cânone da literatura secundária, porém, também, o de fazer um convite aos pares para aprofundar esta linha de investigação que se mostrou ainda pouco pesquisada, muito ainda é necessário ser feito a respeito de como outros artistas do impressionismo e pós-impressionismo influenciaram o filósofo.

Referências

AICHELE, Kathryn Porter. Albert C. Barnes, Chaim Soutine, and the Art in Seeing. In: AICHELE, Kathryn Porter. **Modern Art on Display. The Legacies of Six Collectors**. Newark: University of Delaware Press, 2016, p. 37-69.

ALEXANDER, Thomas. **John Dewey's Theory of Art Experience & Nature: The Horizons of Feeling**. Albany: SUNY Press, 1987.

ANDERSON, John. **Art Held Hostage. The Battle over the Barnes Collection**. New York and London: W. W. Norton & Company, 2013.

ARENAS, L., DEL CASTILLO, R. y FAERNA, Á. M. (eds.). **John Dewey. Una estética de este mundo**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2018.

BARNES, Albert Coombs. The Roots of Art. In: BARNES, Albert Coombs; DEWEY, John et al. **Art and Education**. Merion: Barnes Foundation Press, 1929, p. 16-20.

CAMPEOTTO, Fabio; VIALE, Claudio Marcelo. Barnes' influence on John Dewey's Aesthetics: a preliminary approach. **Cognitio**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 227-241, 2018.

CAMPEOTTO, Fábio; VIALE, Claudio Marcelo. Giro estético y vanguardia: Acerca de la influencia del pragmatismo de John Dewey en artistas norteamericanos. **Pensando - Revista de Filosofia**, v. 10, n. 10, p. 58-78, 2019. [Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/8678/5694>>. Acesso em: 26 de ago. de 2023].

CAMPEOTTO, Fábio. **La estética de John Dewey y la historia del arte: Teoría y praxis**. [Tesis para alcanzar el título de Doctor en Filosofía] – Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba, Córdoba, 2021, p.440.

DALTON, Thomas C. **Becoming John Dewey: Dilemmas of a Philosopher and Naturalist**. Bloomington: Indiana University Press, 2002.

DENNIS, Lawrence. Dewey's Debt to Albert Coombs Barnes. **Education Theory**, v. 22, n. 3, p. 325-333, 1972.

DEWEY, John. "Dedication Address of the Barnes Foundation". In: BOYDSTON, J. A. (Ed.), *The Later Works of John Dewey*, Vol. 2 Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1925/1984, p. 383-386.

DEWEY, John. "H. Matisse to J. Dewey, 1931. 01.16". In: HICKAMN, Larry. (Ed.), *The Correspondence of John Dewey*, II. Charlottesville: Southern Illinois University Press, 2008. Intelex. 06515.

DEWEY, John. "J. Dewey to Albert C. Barnes, 1931.01.02". In: HICKAMN, Larry. (Ed.), *The Correspondence of John Dewey*, II. Charlottesville: Southern Illinois University Press, 2008. Intelex. 04281.

DEWEY, John. "J. Dewey to C. Frost, 1931.01.01". In: HICKAMN, Larry. (Ed.), *The Correspondence of John Dewey*, II. Charlottesville: Southern Illinois University Press, 2008. Intelex. 09281.

DEWEY, John. "J. Dewey to F. Richardson Wyckoff, 1931.01.02". In: HICKAMN, Larry. (Ed.), *The Correspondence of John Dewey*, II. Charlottesville: Southern Illinois University Press, 2008. Intelex. 18932.

DEWEY, John. A comment on the Foregoing Criticism. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, v. 6, n. 3, p. 207-209, 1948. [Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/426477>>. Acesso em: 17 de jul. de 2023].

FLAM, Jack. (ed.). *Matisse on Art*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1973.

FLOREN, C. *L'Esthétique Radicale de John Dewey*. (2016). [These pour obtenir le grade de Docteur de l'Université d'Aix-Marseille Université]. Marseille, França, p.687.

GOMES, Thiago. Barros. *Experiência como Arte: John Dewey e a vanguarda artística estadunidense*. (2018). [Tese de Doutorado na Área da Filosofia] - Faculdade de Filosofia e

Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 232.

GRANGER, David. John Dewey, Albert C. Barnes, and the Continuity of Art and Life. Revisioning the Arts and Education. New York, Berlin, Brussels, Lausanne and Oxford: Peter Lang Edition, 2023.

GREENFELD, Howard. The Devil and Dr. Barnes: Portrait of an American Art Collector. New York: Viking, 1987.

HEIN, George E. Dewey's Debt to Barnes. *Curator*, v. 54, n. 2, p. 123-139, 2011. [Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1741-5446.1972.tb00568.x>>. Acesso em: 12 de fev. de 2023].

HEIN, George. E. John Dewey and Albert C. Barnes: A Deep and Mutually Rewarding Friendship. *Dewey Studies*, v.1, n.1, p. 44-78, 2017. [Disponível em: <<http://www.johndeweyociety.org/dewey-studies/files/2016/04/4.pdf>>. Acesso em: 12 de jul. de 2023].

HEIN, George. E. Progressive Museum Practice: John Dewey and Democracy. Walnut Creek: Left Coast Press, 2012.

LEDDY, Thomas. Dewey's Aesthetics. In: ZALTA, Edward N. (Org.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2016. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/dewey-aesthetics/>>. Acesso em 14 jan. 2020.

MARTIN, J. The Education of John Dewey. New York: Columbia University Press, 2002.

MULLEN, Mary. The Barnes Foundation: An Experiment in Education. *The Journal of the Barnes Foundation*, v. 1, n. 1, p. 3-12, 1925. [Disponível em: <<https://archive.org/details/journalofbarnesf11barn>>. Acesso em: 26 de março de 2023].

NAKAMURA, Kazuyo. A progressive vision of democratizing art: Dewey's and Barnes's Experiments in Art Education in the 1920s. *The Journal of Aesthetic Education*, v. 53, n.1, p. 25-43, 2019. [Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.5406/jaeduc.53.1.0025>>. Acesso em: 12 de fev. de 2022].

ROBINS, Alexander. *Aesthetic Experience and Art Appreciation: A Pragmatic Account*. (2015). [Dissertation submitted to the Faculty of the James T. Laney School of Graduate Studies of Emory University], Emory University, Atlanta, p. 184.

RORTY, Richard. *Philosophy and the Mirror of Nature*. Princeton: Princeton University Press, 1979.

RUSSELL, John. *Matisse: Father & Son. The story of Pierre Matisse, his father, Henri Matisse, his gallery in New York, and the artists that he introduced to America - among them, Joan Miró, Alberto Giacometti, Balthus, and Jean Dubuffet. Based upon unpublished correspondence.* New York: Harry N. Abrams, INC., Publishers, 2001

RUSSO, Luigi. (Org.). *Esperienzaestetica A partire da John Dewey*. Palermo: Centro Internazionale Studi de Estetica, 2017.

SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a Arte. O pensamento pragmatista e a estética popular*. (Trad. Gisela Domschke). São Paulo: Ed. 34, 1998.

STROUD, Scott R. *John Dewey and the Artful Life: Pragmatism, Aesthetics and Morality*. University Park: Penn State University, 2011.

TALISSE, Robert. *A Pragmatist Philosophy of Democracy*. New York: Routledge, 2007.

UENO, Masamichi. *Democratic Education and the Public Sphere: Towards John Dewey's Theory of Aesthetic Experience*. Londres and New York: Routledge, 2016.

WEXLER, Thomas. *Collective Expressions: The Barnes Foundation and Philadelphia*. (2013). [Thesis submitted to Master of Arts], Bowling Green State University, Ohio, p.88.

Submissão: 04/10/2023

Aprovação: 05/11/2023